



TELEMAGO PAIOLI

Nascido aos 25 de novembro de 1877, na cidade de -
Mântova, na Itália, em 6 de setembro de 1888, com 10 anos
de idade, desembarcava em Santos, do navio Fanfula, com-
seus pais Antônio Paioli e Maria Pizzi Paioli, que, como
imigrantes, vinham da longínqua pátria para trabalhar na
"América", como diziam e viriam também para substituir o
braço escravo recentemente libertado pela Princesa Isabel.
Vinham apenas com boa vontade e saúde: nada mais.

Instalaram-se seus pais em Itatiba, em Fazenda de-
café, como colonos e alguns anos após, já estavam cons-
truindo casa em Sousas, onde Antônio, seu pai, estabele-
ceu pequeno armazem, com um capital de quinhentos mil reis.

Seguindo o costume italiano patriarcal, os filhos-
iam se casando e continuando a trabalhar com o pai, até -
que, ainda no fim do século passado, Telêmaco e seu irmão
Artur assumiram a direção do negócio, abrindo então uma -
filial do armazem entre Cabras e Morungaba (naquele tempo
Barra Mansa), em virtude do grande número de fazendas -
existentes naquela região, todas repletas de famílias de
colonos. O armazem ficou em local denominado "VENDA VEIHA"
proximidades da atual Fazenda Bonfim. O armazem de Sou-
sas, então Arraial dos Sousas, era o local de encontro -
dos moradores de toda a região aos domingos e a cavalo -
uns, de charretes outros, ou utilizando-se dos lotados va-
gões da "Cabrita" (estrada de ferro que fazia o percurso-
Campinas-Cabras), todos procuravam o Arraial e em volta -
da "venda" faziam suas compras de animais de sela ou de -
carga, ou os trocavam e até mesmo faziam suas apostas -
nas corridas com os cavalos. Era o domingo alegre da po-
pulação, mas era também o dia de maior trabalho e de maio-
res lucros do armazem.

Telêmaco, já casado com Catarina Venturini, sua -
conterrânea, era o homem incansável que só via as horas, -
os dias e as noites para trabalhar. Atendendo às necessi-
dades dos frequentadores do Arraial, passou a fornecer -
alimentação aos fregueses e enquanto os negócios se reali-
zavam no balcão, sua dedicada esposa se esmerava em ser-
vir as deliciosas macarronadas regadas a bom vinho. Fica-
ram logo famosas.

Uma fábrica de macarrão bem poderia suprir falha -
da região e Telêmaco instala-a no Arraial e passa a forne-
cer macarrão à região e à cidade de Campinas.



Trabalho trás trabalho e também progresso e os irmãos Telêmaco e Artur adquirem uma das mais rendosas fazendas da localidade; a Fazenda Paredão, entre Sousas e Joaquim Egídio. O café é a principal cultura e as grandiosas colheitas são transportadas a Valinhos em carroças, com destino a Santos, de onde eram exportadas. A estrada que ligava o Arraial a Campinas era má e o embarque nos vagões da Companhia Paulista de Estradas de Ferro era feito por Valinhos. Transportando suas colheitas de café, as carroças formavam caravanas e daí nasce outra atividade: carroças de aluguel, todas grandes, com cinco burros, para atender os produtores da zona.

Com o trabalho incessante; surgem os meios para aquisição de outra fazenda: a "Riquessa", situada entre Joaquim Egídio e Valinhos, cuja produção principal também era o café. Com tantos negócios, tantas atividades, o sol nunca o surpreendia no leito e se nos seus 90 anos de vida não tivesse realizado nada de bom, só o exemplo da dignidade do trabalho e da ascensão como fruto desse mesmo trabalho, já seria algo de grandioso e educativo, a ser legado às gerações mais jovens.

Nas suas propriedades agrícolas era sempre um progressista a experimentar novas técnicas e novas culturas. Foi pioneiro no plantio de melancias e tomates, que transportava diretamente ao mercado consumidor da cidade de S. Paulo, ainda quando o mercado central não absorvia esses produtos em quantidade e exigia o sacrifício da venda em varejo, pelos bairros.

Das fazendas vinham para o Arraial, onde eram vendidos, muitos outros produtos, como leite, manteiga, fubá, etc. Este, produzido em moinho movido a energia hidráulica, era também vendido na cidade de Campinas, em grande quantidade. O peixe da Fazenda Riquessa era fácil de ser apanhado e não era rara a venda de grandes quantidades pelo próprio Telêmaco, no mercado de Campinas.

Faleceu em 27 de junho de 1967, com 90 anos de idade, na mesma casa da rua Siqueira Campos nº 97, em Sousas, onde se instalou ainda no século passado.

O vereador José Carlos Laselva, também de saudosa memória, apresentou ao legislativo o requerimento nº 871/67, solicitando o nome de uma rua em Sousas, com o nome de tão nobre cidadão, como homenagem pelo exemplo

de trabalho e dedicação.

(Diário do Povo - 16 de 12 de 1967)
(dados biográficos fornecidos pela família)

(Extraído da "Monografia Histórica e Estatística do Distrito de Sousas", edição de 1973, de Zuleika Godoi Gomes)